A Semana de Lisboa

Supplemento do Jornal do Commercio

DIRECTOR — ALBERTO BRAGA

N.º 17 | Domingo 23 de abril | 1893

Hintze-Ribeiro

A politica portugueza está em principio de remodelação, e a elevação do sr. Hintze Ribeiro á presidencia de um ministerio, do qual cinco dos seus membros, sobre dois, estão nos conselhos da Corôa pela primeira vez, não é dos menores symptomas d'essa pacifica evolução do pessoal dirigente da politica nacional.

E quanto estamos longe do tempo, em que a chefia governativa era o apanagio, não só dos serviços, mas tambem bastante da idade, e em que ás pessoas dos Presidentes do Conselho se applicavam invariavelmente na litteratura jornalistica as qualificações imponentes de —*illustre ancião*, *venerando homem de estado*, *estadista encanecido*, etc.!?

Perante o actual chefe do gabinete, essas designações seriam, effectivamente, assaz improprias, e se os publicistas politicos quizerem para os usos circumlocutorios recorrer ás sugestões da chronologia presidencial, só encontrarão apropriavel e legitima a formula — *jovem presidente do conselho*.

Jovem presidente, na verdade, pois conta pouco mais de quarenta annos, e esta circumstancia, sem exemplo talvez entre nós, é toda em sua honra!

Se Fontes vivesse, se Lopo Vaz não tivesse morrido, se o sr. Antonio de Serpa não houvesse acceitado patrioticamente o encargo de negociar um *convenio*, por conta do sr. José Dias, é de suppôr que o sr. Hintze Ribeiro ainda hoje não estaria á frente do governo. Mas é evidente tambem, que não foi a falta ou impossibilitação d'estes estadistas que determinaram no sr. Hintze Ribeiro o conjuncto de predicados naturaes, que, a despeito de varios obstaculos politicos, o erigiram no alto cargo que assumiu tão moço ainda, e — deve dizer-se, porque n'esta verdade inteiramente material vae grande elogio para o estadista — sem surpreza ou desconfiança de ninguem.

E a explicação d'esta circumstancia é simples. Está em que entre nós o que falta não são espiritos brilhantes e luminosas intelligencias, mas sim espiritos graves e intelligencias ponderadas, que, pelo seu innato sentimento d'ordem, em toda a sociedade constituem a indispensavel garantia conservadora. Na jovem politica portugueza poderão existir temperamentos sentimentalmente mais suggestivos e individualidades que reunam em volta de si mais adhesões de sympathia pessoal. Mas o que teve de reconhecer se já, é que homens com a indole especial do sr. Hintze Ribeiro, grave, ponderada, discreta; homens rigorosamente adstrictos ao sentimento do dever, e tendo-o sabido cumprir em todas as condições desde os mais verdes annos, tomando tudo a serio e não se deixando arrastar nos improvisos da politica sentimental, são raros e indispensaveis, e por esse simples facto, sem terem muitas vezes sequer que batalhar, não só triumpham dos seus adversarios, mas da propria opinião publica, mas da propria situação em que erros pessoaes, ou mal entendidos alheios, os possam ter deixado passageiramente ficar.

Homens taes são, ainda que por vezes o não pareçam, uma força indefectivel, que por menos ostentosa é tanto mais real, pois tal força não resulta, nem da fallivel intenção pessoal, nem das variaveis circumstancias da occasião, mas de predicados naturaes e permanentes, a que a vontade do individuo é tão extranha,

como á côr dos seus proprios olhos ou ao timbre da sua voz.

Hintze Ribeiro, uma vez revellado na politica, por pequena que fosse a sua ambição, os seus dotes nativos prenunciavam-lhe e lhe asseguravam a carreira triumphal, de que aos quarenta annos attingiu a meta. Accreditamos mais. Accreditamos que se qualquer incidente o tivesse levado a retirar-se da politica, não viria longe o dia, em que novamente se teria de recorrer á intervenção do seu espirito d'ordem, do seu preponderante influxo conservador, que n'elle se assignala, como em nenhum outro estadista da sua geração, qualidades essas, tão accentuadas, que fazem d'elle já, ainda que moço, essencialmente um homem de governo, no paiz em que elles tão raros se mostram.

Seja-me aqui permittida, no meio da politica, uma pequena allusão chimica.

Como na vida animal o *oxygenio* é o elemento vivificante por excellencia, e o *azoto* a substancia temperante, que obsta a que aquelle mate pelo excesso de vitalisação — na vida politica, analogamente, teem de equilibrar-se as duas correntes—a *progressista* e a *conservadora*. Para representar a funcção sympathica, brilhante e attrahente de *oxygenio politico*, não faltam coryphêos. A missão, porém, de *azoto politico*, menos activa na apparencia, menos luzida no aspecto e com inferior caracter ornamental, offerece, na verdade, menos attractivo, e é assim que é mais facil encontrar na politica quem faça de oxygenio, do que quem se preste a fazer de azoto.

Na sentimentalissima politica portugueza, não morreremos certamente por falta de oxygenio, mas podemos morrer por falta d'azoto, e é assim que o sr. Hintze Ribeiro, conservador por temperamento e por convicção, auxiliado das muitas faculdades de intelligencia, de trabalho e de tacto que o exornam, constitue na sociedade portugueza uma individualidade, quasi excepcional e difficilmente substituivel. A sua qualidade de conservador confesso póde dar-lhe menos sympathias na ordem sentimental, mas como a sua acção é indispensavel — pois para progredir é necessario primeiro que tudo subsistir — a necessidade faz d'elle uma força incontestavel, como representante eminente, e raro em Portugal entre os novos, da escola, dita conservadora-liberal, que, depois de alguns menos propicios ensaios de radicalismo, tende novamente a preponderar.

O sr. Hintze, effectivamente, tanto quanto o póde presumir quem vive alheio ás intimidades da politica, não fez nunca cousa alguma em materia de reclamo politico ou de cortezanismo pessoal, propriamente para chegar onde chegou. Fez, sim, tudo para conquistar o direito a lá chegar, e n'essa tarefa principiou cedo e methodicamente, desde os bancos escolares, onde logo começou a consolidar a natural gravidade do seu caracter no escrupuloso desempenho dos seus deveres e a robustecer o espirito e a faculdade oratoria (por que muito se disvelou sempre) no estudo e na discussão com mestres e condiscipulos.

Lembra-me ainda vel-o, eu caloiro, caloirissimo, transpondo a *Porta-Ferrea*, involto na negra capa do trajo academico, e sobraçando a symbolica pasta vermelha de quintanista de direito, que o era distinctissimo do curso de 1871, em que tambem eram premiados Julio de Vilhena e Alves de Sá, esse intelligentissimo varão pratico, que praticamente preferiu, ás gloriosas seducções da poltrona politica, a bem compensada modestia da sua rendosissima banca de advogado.

Vi-o no fim d'esse mesmo anno lectivo — *credite posteri!*—grave comparsa dos *Figados de Tigre* na tradicional *recita dos quintanistas*, e tomando, como sempre, o caso muito a serio.

Vi-o um anno depois na *Salla dos Capellos*, defendendo theses — theses memoraveis, ainda hoje citadas na tradicção academica. Quando entrei, nos doutoraes estavam, isto é absolutamente authentico, tres doutores expressivamente congestionados, e, se não revello o nome d'esses passageiros candidatos á apoplexia, é porque a voz que circulava entre o gaudio dos rapazes era de que «*o Hintze os tinha estendido . . . razamente.*»

Vi-o dois annos depois perpassar ao Castello, trazendo pelo braço a formosa e respeitavel senhora, que a Rainha d'Hespanha acaba de agraciar com a banda de Maria Luiza, e a que acabava elle então de ligar o seu destino. Viera a Coimbra reger interinamente uma cadeira devoluta.

Vi-o depois, e mais de perto então, na crise terrivel do tratado inglez, que soube transpôr com a coragem d'um forte e com a serenidade de um justo, sem odio ou recriminação para ninguem.

Vi-o, finalmente, ha tres dias apenas, presidente do conselho, caminho do Paço, solemnemente ladeado por um dos seus correios d'estado.

Pois bem! A vinte annos de distancia e atravez tão variados incidentes, a expressão da sua physionomia ficou inalteravel: o mesmo fundo de gravidade, a mesma e constante serenidade, e no trato, não a secura e dureza que se póde deprehender da fria catadura, nem a melancolia que lhe tem sido attribuida, mas antes uma pontinha bastante sensivel de bem educada bonhomia e de discreta jovialidade, que não deixa de ter o seu encanto.

E que indica esta organica inalterabilidade da attitude externa?

Não corresponderá na ordem interna e intima a uma egual e innata impassibilidade de animo, demonstrativa de um caracter, temperado indistinctamente para todos accidentes da vida, e com tanta serenidade para se conformar com a adversidade, como para resistir ás vaidosas sugestões da fortuna?

Este fundo de caracter, forte, sereno e confiado, sobre o qual politicamente se enxerta o seu espirito conservador, é a base da personalidade civica do sr. Hintze Ribeiro, e, junto a isto o seu tacto e discrição no tratamento dos homens, o seu zelo e intelligencia no estudo das questões publicas, a sua preeminencia parlamentar na exposição e defeza dos mais arduos assumptos, e, accrescente-se tambem, os seus habitos diligentes de madrugador, fica explicada a sua rapida fortuna politica e a sua final consagração na presidencia de um gabinete partidario.

*

De resto, o futuro politico do sr. Hintze Ribeiro estava previsto e annunciado pela bocca dos mais auctorizados prophetas.

Quando Fontes morreu, a sua successão foi objecto de grande litigio, e alvitrou se em um certo momento que se aguardasse, que El-Rei, chamando o partido ao poder, pela escolha que fizesse da pessoa para a formação do gabinete, deixasse assim designado o successor do grande chefe regenerador.

Referindo-se a este facto, em conversa com pessoa da sua intimidade, consta que o monarcha se exprimira nas seguintes palavras:

«*Por mim chamarei o Serpa, mas tenho pena que o Hintze seja ainda tão novo. Era quem eu preferiria.*»

El-Rei D. Luiz não teve occasião de chamar, nem o sr. Serpa, nem o sr. Hintze, mas o seu regio herdeiro chamou um, e chamou depois o outro, tornando realidade a intenção paterna.

Sobre a individualidade do sr. Hintze Ribeiro, porém, o mais expressivo conceito é o de Fontes.

O actual presidente do conselho era ainda um jovem secretario d'estado de pouco tirocinio e já merecia que Fontes, fallando das ausencias que era obrigado a fazer no Parlamento, dissesse a pessoa que nol-o repetiu:

«*Quando o Hintze está na Camara, estou descançado!*»

Uma tal phrase na bocca de Fontes, equivale a uma sagração politica, hoje confirmada, para os mais altos destinos, e n'ella resumimos o maior, mais grato e mais insuspeito elogio, que, suppomos, possa ser dirigido ao sr. Hintze Ribeiro, n'este logar, especialmente destinado ás verdades... amaveis.

EDUARDO BURNAY.

No proximo numero, o medalhão da Sr.ª D. Josepha de Sandoval Vasconcellos e Souza. Artigo de D. João da Camara.

POLITICA SEM POLITICA

A proposito da ideia suggerida por alguns jornaes da conveniencia do restabelecimento das *ordens religiosas* para civil lisação dos nossos dominios ultramarinos, exhibem-se varias opiniões. Uns querem esse restabelecimento só no ultramar, outros no ultramar e na metropole, e outros nem no ultramar, nem na metropole.

Varias razões se adduzem pró ou contra estes diversos modos de ver, mas a duas, apenas, nos referiremos, porque as não entendemos.

Effectivamente, ha quem se insurja contra a ideia do restabelecimento das ordens religiosas, já porque é um ataque á *liberdade*, já porque é um ataque especial aos inauferiveis direitos do *livre pensamento.*

Mas então que *liberdade* é essa que ums acham legitima para as associações anarchistas destinadas á manipulação da dynamite, e consideram violada quando se trata de associações de ordem e civilisação, compostas de pobres levitas votados a Deus, e que apenas manipulam a symbolica e inoffensiva agua-benta do baptismo em Christo?

E que *livre pensamento* é esse, que professa que só pensa livremente, quem pensa como se pensa na ingénua escola livre-pensadeira, e, sob tal pretexto, despoticamente pretende impôr o dissolvente fanatismo do *nada?*

Mas muito bem. Não querem o restabelecimento das ordens religiosas no ultramar? Pois seja!

Então que querem? Digam. Não façam cerimonias!

Ah! advinhamo-lhes o pensamento.

Querem no Bihé, uma maçonariasinha, com sessões de estalinhos, obrigadas a malhete e a aventalinho bordado.

Isso sim, é que é proprio para actuar sobre o moral do preto, que tambem elle usa aventalinho!

Impoliticus.

O VALOR DE FRASCUELO

Oito dias antes de se realisar a celebre corrida, era já difficil encontrar bilhete para a praça de touros de Sevilha.

E nem admira! Era Frascuelo o espada, e o curro havia sido escolhido n'uma das *ganaderias* de mais nomeada, pela pureza e bravura dos touros.

Poucos minutos antes de principiar o espectaculo, o camarim de Frascuelo, que fôra primorosamente adornado de colchas e de tropheus, mal podia conter o numeroso concurso de admiradores que iam ali felicital-o. E entre os admiradores figuravam os representantes da mais antiga e mais illustre fidalguia andaluza.

Emquanto todos aquelles titulares se conservavam, de pé, á porta do camarim, Frascuelo, sentado n'uma poltrona — como um rei no meio do seu sequito de cortezãos — estendia o pé nas mãos do criado, que, de joelhos, lhe laçava

os atacadores do sapato. E com um gesto soberano de cabeça ia correspondendo ás felicitações dos amigos, dizendo:

— *Adios, duque! Adios, marquez! Que tal?*

Durante o tempo em que elle se preparava, falou-se da bravura dos touros, que, n'esse dia, entravam pela primeira vez na praça. O espada observou apenas que a unica magoa que poderia ter na vida era se um touro o matasse, sem que elle conseguisse, por sua vez, deixal-o estendido na praça.

— *Caracoles! Eso me haria rabbiar!*

Disse isto desdenhosamente, como quem sente um fraco apêgo á vida. Levantou-se em seguida, empunhou na mesma mão a espada e o capote, e partiu para a arena, vestido de escarlate e ouro, passando pelo meio de todos os titulares, que abriam alas á sua passagem.

*
* *

Quando chegou a vez a Frascuelo, atravessou elle airosamente a praça, estacou em frente do camarote da marqueza de X..., uma das mais formosas e mais elegantes mulheres da Andaluzia, e, levantando os olhos para ella, offereceu-lhe, com palavras commovidas de admiração e respeito, a sorte que ia realisar.

A marqueza tirou do dedo um magnifico annel de brilhantes, prendeu-o á ponta do seu fino lenço de rendas, e, debruçando-se risonha no peitoril do camarote, atirou-o a Frascuelo. O espada levou em signal de reconhecimento o lenço aos labios, e foi postar-se em frente do touro.

O animal era valente e fogoso. Frascuelo, depois de diversos passes de capote, julgou asado o momento de dar a estocada; o touro, porém, arremetteu tão subito, que, livrando-se do golpe, apanhou o matador pelo peito, mettendo-lhe uma das pontas entre as primeiras costellas e abrindo brecha interior por entre as ultimas. O espada cahiu, e o touro estacou, farejando a victima.

Quando o animal, ouvindo os gritos da multidão, ergueu a cabeça e se affastou um pouco do corpo do espada, toda a gente emmudeceu, por vêr que Frascuelo se levantava repentinamente do chão, tão pallido como se estivesse morto, com o peito a escorrer sangue, e com mão firme empunhava de novo a espada! O terror e o pasmo reinavam em toda a praça. Todos os olhos se fitavam no matador.

Frascuelo, uma vez de pé, caminhou para a frente do touro, fez-lhe um ligeiro passe de capote para o obrigar a levantar a cabeça; e, no momento em que o animal ia a arremetter mais raivoso e mais feroz, affrontou-o *recibiendo*, e metteu-lhe de repente a espada até aos copos. O touro cahiu como fulminado, e sobre a cabeça do touro cahiu sem accordo o matador!

Foi d'essa vez que Frascuelo esteve em riscos de morrer. E não se importaria muito que tal lhe succedesse, porque conseguira, com uma só estocada, estender o touro na praça!

GRAZIEL.

CHRONICA ELEGANTE

A chronica elegante tem a registrar, n'esta semana, um casamento illustre e duas animadas *soirées*.

Na quarta-feira celebrou-se na capella particular do palacio dos srs. Condes da Azambuja, em Palhavã, o casamento da sr.ª D. Carlota José de Jesus Maria Francisca Xavier de Mendóça Rolin de Moura Barreto, filha dos illustres titulares, com o sr. José Cyrne de Souza Madureira de Azevedo Canavarro.

Foi celebrante Monsenhor Jacobini, nuncio de Sua Santidade.

Serviram de madrinhas as sr.as Condessa do Lavradio, D. Maria Bernardina Atalaya e D. Sophia de Serpa Pimentel Ferreira, e de padrinhos os srs. Conde do Lavradio e Joaquim Bernardo dos Santos, cunhado do noivo.

A noiva é uma interessante senhora, que reune a todos os attributos de um excellente e bondoso coração as prendas inestimaveis de uma educação primorosa.

FOLHETIM

AQUELLA CASA TRISTE...

(1872)

III

O *Africano*, passados seis mezes, procurou um brazileiro rico de Ninães, recentemente chegado, e disse-lhe:

— Sei que o senhor está resolvido a edificar uma casa. Se quer poupar-se a grandes despezas, incommodos e desgostos, compre-me a minha. Vendo-lh'a por metade do que me custou, com uma condição: se eu e minha filha não tivermos morrido dentro de seis mezes, serei obrigado a dar-lhe a casa no fim d'este prazo; mas, n'estes primeiros seis mezes, o senhor não poderá occupal-a.

Pediu o brazileiro explicações de tão estranha clausula.

O Duque respondeu:

— Minha filha está mortalmente enferma. Tem um aneurisma. Eu tambem me sinto no termo da vida. Vou morrendo a cada hora que a doença me deixa vêr a morte na face de minha filha. Não hei de sobreviver-lhe, se Deus me não fizer o beneficio de me levar adiante.

Consolou o o brazileiro conforme soube, acceitou a proposta, e assignou as escripturas no dia seguinte, entregando ao vendedor alguns contos de réis.

Pagou o *Africano* as dividas contrahidas em Cabo-Verde, encerrou-se na ante-camara do quarto de sua filha, e deu-se pressa em aggravar os seus padecimentos á custa de se remirar no seu infortunio, de cortar bem dentro as fibras ainda rijas do coração, antecipando a imagem da filha morta, repulsando todo o allivio da esperança, furtando-se a todo o desafogo, matando-se com a lentidão de um desvairado que se encavernasse n'um antro, esperando sem terror a entrada da fera, e anciando a para se lhe rasgar nas presas.

Ao quinto mez do contracto, os padecimentos de Deolinda tocaram nos extremos symptomas da morte. As hemorrhagias amiudaram-se. Estava já entorpecida, immovel, salvo quando arrancava do seio as aspirações, que revelavam ao través das coberturas da cama os arquejos do coração.

N'esta conjunctura, o pai estabeleceu entre si e Deus uma convenção que era já delirio precurssor da demencia ou da morte: «Se ella hoje morrer, ou Deus me mata ámanhã, ou, quando ella estiver sepultada, eu me matarei.»

O parocho, que sacramentára Deolinda, ouviu estas vozes, e disse aos botões da sua batina: «Este homem está no inferno.»

Quando ficou sósinha, Deolinda chamou o pai e disse-lhe:

— Não quero ir d'esta vida, sem dizer-lhe um segredo com que

O noivo pertence a uma das mais antigas e mais illustres familias do norte, e allia á nobreza do nascimento as qualidades de caracter que o distinguem entre os elegantes do Porto.

Finda a ceremonia religiosa, a que assistiu tudo o que ha de mais distincto na nossa primeira sociedade, foi servido nas sumptuosas salas do palacio de Palhavã um magnifico *lunch*, depois do qual os noivos partiram para Azambuja, onde foram passar a lua de mel.

Na *corbeille* da noiva figuravam valiosissimas prendas, offerecidas pelas pessoas da sua familia e pelas suas amigas.

— Na quinta-feira deram os srs. Condes d'Almedina uma *soirée*, em que estiveram muitas familias da nossa sociedade elegante.

— Na sexta-feira, para festejar o anniversario natalicio de sua filha mais nova, a sr.ª D. Maria Antonia, houve no formoso palacio dos srs. Condes de Magalhães uma animada *soirée*.

Apesar dos convites se limitarem ás pessoas de mais intimidade dos illustres titulares, a *soirée* correu animadissima, dansando-se até ás 2 horas da madrugada.

A sr.ª Condessa de Magalhães e suas filhas, a sr.ª Viscondessa de Taveiro e D. Maria Antonia, receberam as suas visitas com a mais affectuosa amabilidade.

Estiveram, entre outras, as sr.as:

Duqueza d'Avila e Bolama, Marquezas do Fayal, d'Oldoini, Condessas de Sabugosa, de Valbom, de Bobone e filhas, de Jimenez y Molina, de Gouvêa, de Bray, de S. Januario, d'Almedina e filha, de Villa Real, Viscondessa de Taveiro, Baroneza de Goedel-Lannoy, D. Grimareza Vianna de Lima, Madame de Rosty, Madame Chévitch, D. Mathilde dos Anjos Pindella, D. Maria Carlota de Sá Pereira de Lencastre, D. Maria Luiza de Sá Pereira, D. Thereza de Sousa Botelho, D. Guilhermina Bastos e filhas, Madame Romero, D. Fernanda Bergaro, D. Maria Izabel Palmeiro Ennes, D. Rita de Carvalho e filha, D. Marianna d'Andrade Guimarães, D. Josephina Ribeiro da Cunha, Mademoiselle Mayer, etc., etc.

GRAZIEL.

COMO SE GANHA O CÉU

Debruçada da janella, com os cabellos annellados e uma boquita rosea, de morango maduro, os olhos claros e risos e uma figurinha gentil. Teria quando muito doze annos.

Havia dois annos que perdera a mãe e o pae. Orphã, sem perceber ainda todo o amargor da orphandade!

Pobre, sem calcular sequer os desalentos pungentes da pobreza...

Estava alli no convento, um convento arruinado, com muitas recolhidas e duas freiras só.

O tutor atirára com ella, como com um fardo excessivamente pesado. E... cahira, felizmente, em um convento bom.

Mas vivia quasi só.

Uma velhota a acompanhal-a, em uma grande e arruinada casa. O vento gemendo atravez de todas as fendas do tecto de castanho e de parede mal caiada. Uns quadrinhos de santos e um leito de feno.

Mas com doze annos, exhuberante de saude e encantadora de graça. Debruçava-se da janella, brincando com a grade e a pensar a pensar...

De repente, appareceu ao fim da rua um pobre que, em uns gemidos medonhos, supplicava esmola dos corações piedosos.

E de uma janella cahiu no velho chapeu uma qualquer moeda de cobre. Ella, então, debruçou mais a cabecinha...

Voltou-se, em seguida, para dentro, e tornou depois a apparecer.

Trazia na mão um pequenino cesto de canna, ao qual prendia um cordão. O cesto oscillou fóra da janella e começou a descer...

Ella sustinha-o. E com a sua voz crystallina, seguida de um olhar risonho, disse para o pobre:

— Aqui está uma esmolinha, irmão.

O velho levantou a cabeça.

— Seja pelo amor de Deus meu anjinho.

— Não me agradeça a mim; a esmola é de aquella senhora que está alli dentro...

---

não devo morrer. No meu bahú está uma caixinha de folha, que o mar lançou á praia, depois do naufragio. Levaram-me em Cabo-Verde esta caixinha, cuidando um marujo que fosse minha. Abri-a, e vi que encerrava cartas de uma mãi muito extremosa para seu filho. O filho era aquelle rapaz que vinha do degredo, e salvou os velhos, e as crianças, antes de morrer. A mãi, que lhe escrevia, diz-lhe em algumas cartas que tem sentido as angustias da fome. Chama-se ella... Meu pai lhe verá o nome e a terra onde vivia... Se tiver morrido, feliz d'ella. Se ainda viver, meu pai, mande-lhe como esmola o que ficar do meu espolio, e diga-lhe que eu.. lhe amei o seu infeliz filho... até morrer... por elle!...

— Cumprirei a tua vontade, minha filha — respondeu o pai.

Ditas aquellas palavras, o *Africano* encarou na filha com a fixidez torva de um amaurosico. Depois, como se sentisse dobrar sobre os joelhos, sahiu da alcova, atirou-se como ebrio para o leito, e murmurou estas vozes:

— Meu Deus! morro por amor de minha filha, e ella.. morre por outro... Bem podia consentir a desgraça que eu morresse sem este desengano... Vinte annos a adorar esta filha, um anno a agonisar ao pé da sua agonia... e a final ouço lhe dizer que morre por um homem... que não era seu pai...

Escabujou em ancias muito afflictivas, pedindo a Deus com dilacerante esforço que lhe abreviasse o transe. Rompeu em soluços; e, suffocado pelo choro ou por um golfo de sangue, arrancou da vida n'um estremecimento instantaneo.

Deolinda ouviu o murmurio rouco d'esta convulsão da morte, e voltou a face para onde suppunha que estava o pai.

Chamou-o. Sentou-se no leito com supremo esforço. Tangeu a campainha. Acudiu a criada, a quem ella pediu que lhe désse o seu vestido. Foi nos braços da criada á sala contigua, onde o pai tinha o seu leito. Dobrou-se sobre o peito d'elle, colhendo-lhe nos labios um halito ainda quente, como vestigio da alma que passára queimando as fibras por onde abrira a fuga do seu inferno.

— Morto! — bradou ella, golfando-lhe no seio o derradeiro sangue.

Transportada ao canapé fronteiro, alli se quedou empedernida. Não houve rogos que a tirassem de lá. Viu amortalhar o cadaver de seu pai, viu-o sahir no esquife para ser depositado na capella da casa, ouviu o ultimo dobre da sepultura; e então, comprimindo o seio esquerdo com ambas as mãos, invocou a compaixão da Virgem Santissima, e expirou.

Lá está em cima aquella casa triste... O brazileiro, que a comprou, não a quiz habitar. As janellas nunca mais se abriram. O vestido, que despiram do cadaver de Deolinda, pende ainda da espalda do canapé em que ella morreu.

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

Mas o pobre já se voltava para outra janella:
— Uma esmolinha pelo amor de Deus.
Então, responderam de cima:
— Tenha paciencia, porque não póde ser!

E a pequenita, já encostada á mão, meio escondida na janella do convento arruinado, murmurou amargamente, na presciencia insolita do seu futuro triste:

— *Paciencia!* Coitado! É com paciencia que se ganha o céu!...

Beja — 10 de abril de 1893.

MARGARIDA DE SEQUEIRA.

Anniversarios da semana

Domingo 23 — As sr.as: Condessa da Silvã, Condessa de Campanhã, D. Francisca Adelaide Telles de Macedo (S. Cosme), D. Lina Castiço (S. Mamede), D. Josepha Carolina Forbes Magalhães, D. Adelaide Virginia dos Reis Tenreiro, D. Georgina Mendonça.

E os srs.: Visconde de Pindella, Gervasio Lobato, Candido d'Azevedo Coutinho, Augusto Dally Alves de Sá.

Segunda-feira 24 — As sr.as: Viscondessa de Chancelleiros, D. Maria Januaria da Silva Leão (Almofalla), D. Maria Luiza de Sá Pereira de Menezes, D. Adelaide Beltrão de Seabra, D. Adelaide Guedes Dias.

E os srs.: Visconde de Castro Guedes, D. Pedro de Castro Leite Pereira de Portugal, Julio Antonio Montenegro Teixeira (Casaes do Douro).

Terça-feira 25 — As sr.as: D. Luiza Ermelinda Branco Bandeira, D. Izabel Maria Carreira da Silva, D. Francisca d'Almeida.

E os srs.: Barão de Massarellos, Conselheiro Viriato Luiz Nogueira, Alfredo d'Albuquerque do Amaral Cardoso (Amparo), Dr. Pedro de Menezes, Leopoldo Cesar de Noronha Gouveia.

Quarta-feira 26 — As sr.as: Condessa de Sabugosa, D. Maria Rita Corrêa de Sá (Asseca), D. Eugenia Ribeiro da Cunha, D. Maria Luiza Schwalbach, D. Amelia Virginia d'Oliveira e Sousa, D. Maria Christina da Veiga Guerra.

E os srs.: Conselheiro Bernardo de Serpa Pimentel, Bartholomeu de Sousa e Silva (Santa Cruz), Antonio de Sousa Azevedo (Algés), Dr. Miguel Maria de Sousa Horta e Costa, Francisco José Telles de Mello, Manuel José Leoti.

Quinta-feira 27 — As sr.as: D. Anna Maria Machado (Benagazil), D. Carlota Van-Zeller, D. Sophia Montenegro.

E os srs.: Visconde de Bouzães, Carlos d'Almeida Affonseca, Eugenio de Castilho, José Pedroso de Castello Branco, João Carlos da Silva.

Sexta-feira 28 — As sr.as: D. Maria do Carmo de Portugal, D. Julia do Carvalhal, D. Adelina Romana Batalha Reis e Santos, D. Elvira Kebe d'Azevedo Pereira da Silva, D. Maria Adelaide da Cunha Eça e Costa do Amaral.

E os srs.: Conde de Casal Ribeiro (José Frederico), Bernardino Raposo de Sousa Alte Espargosa (Andaluz), Adolpho Augusto Nandin de Carvalho.

Sabbado 29 — As sr.as: D. Maria de Vasconcellos (Castello Melhor), D. Joanna Augusta Alpoim Villas Boas (Carreira), D. Christina Joaquina Garcez Palha Cárcomo Lopes (Bucellas), D. Maria Carlota Berquó da Camara Lobo, D. Maria da Graça de Moura Coutinho, D. Anastacia Norton, D. Angelica de Galvão Mexia, D. Zeferina Adelaide Sanches de Castro Guedes Dias.

E os srs.: Visconde de Castilho, Ayres de Ornellas Cisneiros de Brito, José Justino Botelho Moniz Teixeira, Antonio Tavares d'Almeida.

CONSELHOS E RECEITAS DE D. CLARA

A ETIQUETA DOS CRIADOS

Toda a boa dona de casa, ao ajustar para seu serviço um criado novo, deve ter em conta este proverbio:

— Dize-me a quem serviste, dir-te-hei as prendas que tens.

São os bons patrões que fazem os bons criados, ensinando-os e educando-os de modo, que não só o seu serviço seja util, mas que até a sua convivencia seja agradavel.

Desde, pois, que se recebe um criado novo, ainda sem pratica, o primeiro dever da dona da casa é educal-o, dando-lhe instrucções precisas sobre o modo como deve proceder.

Se acontece, por exemplo, encontrar-se um criado, logo de manhã, com o patrão, deve ser este e não aquelle o primeiro a dar-lhe os *bons dias*. Nunca n'esta saudação deve a iniciativa partir do criado.

Quando o criado tiver que apresentar qualquer objecto aos donos da casa, ou a qualquer pessoa que esteja de visita, não o deve nunca azer de mão a mão, mas servir-se para isso d'uma salva.

Na côrte de Marie Antoinette, as duquezas que tinham que apresentar qualquer cousa á rainha, abriam o leque, depunham n'elle o objecto, e assim o passavam ás mãos da soberana.

Quando um criado tem de acompanhar o patrão, e auxilial-o a descer da carruagem, não lhe offerece a mão, mas sim o ante-braço.

Em França, os cocheiros e os trintanarios nunca tiram o chapéo, quando falam ao patrão. Tocam apenas com os dedos na aba — como fazem os militares, se estão de serviço. O cocheiro de uma casa particular, quando na carruagem vão os patrões, não deve cumprimentar ninguem na rua. Toda a sua attenção deve ser para os cavallos que conduz.

Uma criada que esteja sentada a coser, nunca se levanta ao passar os patrões; deve, porém, levantar-se, se acaso estiver desoccupada.

É indispensavel instruir um criado novo na maneira de acompanhar as visitas. Apenas a pessoa entra, o criado fecha a porta, e passa logo adiante a fim de ir abrindo as outras portas até chegar á sala em que se acha a dona da casa. Chegado ali, entra, annuncia o nome da visita, e retira-se logo para lhe dar passagem.

UMA RECEITA

Conservação das flores. — Para que uma flôr colhida da arvore não viva tão pouco como a celebre rosa de Malherbes

l'espace d'un matin

deve despojar-se da propria folhagem. Forme-se o ramo com folhas extranhas. Provém este phenomeno do facto de serem as folhas que transpiram mais do que as flores. A transpiração da planta cessa, pois, logo que se lhe tiram as folhas. Póde assim conservar-se por mais tempo o viço e a frescura d'um *bouquet*.

Duas grammas de sal ammoniaco lançadas na agua da jarra em que se colloca o ramo, contribuem tambem consideravelmente para a conservação das flores.

MODAS

D'uma nossa correspondente tratando d'uma exposição de *Nouveautés* de primavera n'uma das boas casas de Paris, extrahimos a descripção d'umas *toilettes* que nos parecem ser de summo bom gosto e facil imitação.

Um vestido de crépon azul com salpicos de diversas côres, dá nos olhos pela novidade que apresenta a saia que tem a apparencia d'um só folho franzido á roda da cintura, e na sua extremidade tem um galão branco e outro dourado. O corpo tem adiante a fórma d'uma ja-

quetinha á hespanhola, abrindo sobre uma frente de seda com salpicos amarellos, mettida n'um cinto de renda. Outro costume muito util para viagem ou passeio na praia, é de sarja azul d'um diagonal muito largo, com series de cinco folhinhos até á cintura, dobroados de trança de lã preta, e preferindo-se, de trança de côr.

Os vestidos de lã guarnecem-se muito com diversas ordens de fita de setim preta, chegando até aos joelhos.

Destacamos com muito prazer, entre tanta exageração e tanta tendencia para tudo quanto é extravagante, uns corpos ou blouses feitas em prégas *accordéon*, que são encantadores para as figuras delgadas. Devem necessariamente ser applicados sobre um fôrro justo que seja cortado por boa thesoura, e fazem-se para a ponta de cambraia de côr, ficando as mangas sem fôrro, e uzam-se com saias pretas, em quanto que para usar de dia, devem ser feitos d'alguma fazenda mais tapada, crépe de Chine ou outra qualquer seda macia, e ficam muito bem com as mangas e a saia d'outra fazenda e d'outra côr. Por exemplo, uma elegante e singellissima *toilette* para um *five-o'clock*, é uma saia de *crépon* preto com corpo de pregas *accordéon* em crépe de Chine côr de lilaz, gola e cinto de vidrilhos pretos.

Nas tardes frescas vem apparecendo muito os casacos curtos com muita roda nas abas.

O chapéo de sol *eben tout cas* que deve harmonisar com o resto da *toilette*, apresentam grande variedade por se prestarem a isso as sedas de salpicos. Os encarnados com pontos pretos, côr de castanha ou cinzentos, estão muito á moda.

GIL-BERTA.

EPHEMERIDES SEMANAES

16 — Sessão solemne da Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes, para inaugurar o retrato do fallecido socio honorario, S. M. o sr. D Pedro II, imperador do Brazil.

— Primeira *matinée* de gymnastica e esgrima no Real Gymnasio Club.

— *Cross-country* em que tomaram parte varios *sportmen* de Lisboa.

— Passeio em velocipedes, no qual tomaram parte 38 socios do Club Velocipedista.

17 — Regressam do Alvito SS. MM. El-Rei e a Rainha.

— O *Diario* publíca o decreto rescindindo o contracto com a Mala Real Portugueza, abrindo novo concurso.

— O sr. ministro da guerra visita o arsenal do exercito.

18 — Sahe do lazareto o sr. conselheiro José Julio Rodrigues, recemchegado do Brazil gravemente doente.

19 — O *Diario* publíca o decreto rescindindo o contracto com a *Société Française des Télégraphes Sonsmarins* para o lançamento e exploração do cabo para os Açores.

20 — Realisa se com grande pompa a procissão da Saude.

21 — O sr. ministro da guerra visita a Escola do Exercito.

22 — Os membros da colonia italiana festejam com um grande banquete, no Hotel Internacional, as bodas de prata do rei Humberto e da rainha Margarida.

José das Kalendas.

THEATROS E CIRCOS

S. Carlos

Na proxima quinta-feira, primeira recita da companhia franceza de opera comica.

Havia quem receiasse que o numero de assignaturas de camarotes e de logares da plateia fosse tão diminuto que não animasse a Associação 24 de Julho, que tomou a empreza da companhia, a mandar vir os artistas. Enganava-se quem tal suppunha.

Quasi todos os assignantes de camarotes da epocha lyrica subscreveram para as recitas da companhia franceza, desde que souberam que entre os artistas que compõem o elenco figuravam algumas celebridades.

É claro que a companhia não póde ser constituida só de celebridades. Não só seria difficil formal-a n'essas condições, emquanto se acham abertos os theatros de Paris; mas, ainda quando fosse possivel, não havia emprezario que a escripturasse para Lisboa, sem correr o risco de um enorme prejuizo. A despeza das viagens e o vencimento de cada artista absorveria mais do que o total das receitas, attendendo á exiguidade dos preços porque, entre nós, se pagam os logares no theatro.

Assim, teremos — ao que se presume — uma companhia muito razoavel e que póde ser apreciada sem sacrificio do espectador.

*

D. Maria

Continua em scena a comedia *Os Castros*.

*

Trindade

No salão da Trindade realisaram-se dois concertos em que se apresentou o insigne pianista portuguez Vieira da Motta.

Toda a imprensa foi unanime na apreciação que fez do merito d'este artista, considerando-o uma celebridade.

Vieira da Motta fez a sua educação muzical na Allemanha, onde concluido o curso, se apresentou a publico em diversos concertos. Ali, a critica fez-lhe os maiores elogios, reconhecendo no joven artista não só uma competencia extraordinaria na execução dos trechos mais difficeis, como um notavel sentimento no modo de os interpretar.

Afóra as eminentes qualidades de executante, revellou Vieira da Motta na sua *Rapsodia portugueza* um conhecimento perfeito dos segredos da muzica e a inspiração de verdadeiro artista.

O publico que assistiu aos dois concertos fez-lhe uma calorosa e enthusiastica ovação.

*

Real Colyseu

Reappareceram n'este circo a elegante amazona Baroneza Radhen e a formosa gymnasta Geraldine, que tinham ido a Coimbra dar alguns espectaculos.

N'estas ultimas funcções o que mais applausos tem merecido do pnblico é o *Jogo da rosa*, em que entram a Baroneza Radhen, Anicetta Diaz e o irmão.

Se a primeira se distingue pela correcção com que sempre se mantem no circo, executando sem o minimo exforço as maiores difficuldades da arte de equitação, Anicetta Diaz torna-se notavel pela agilidade com que se esquiva quando lhe cabe a vez de deffender a rosa, fazendo sobre o sellim de amazona verdadeiros equilibrios da mais arrojada *voltigeuse*.

*

Nos outros theatros continuaram os espectaculos já conhecidos.

*

Praça de touros

A corrida de hoje deve attrahir grande concorrencia.

Trabalha o affamado *Cara-Ancha*, acompanhado de sua quadrilha.

SPECTATOR.

Typ. Christovão—R. de S. Paulo, 60 e 62.

A SEMANA DE LISBOA é distribuida gratis aos assignantes do **Jornal do Commercio.** **A livraria Gomes** faz uma tiragem em papel especial ao preço de 5$000 réis por assignatura annual, e 100 réis avulso. — **Annuncios — 100 réis a linha.**

Editor — Antonio Carlos Antunes — Rua do Belver, 1